

Aplicação Prática da Administração na Economia Global 3

Clayton Robson Moreira da Silva
(Organizador)

Aplicação Prática da Administração na Economia Global 3

Clayton Robson Moreira da Silva
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Clayton Robson Moreira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A642 Aplicação prática da administração na economia global 3
[recurso eletrônico] / Organizador Clayton Robson
Moreira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-405-4

DOI 10.22533/at.ed.054202809

1. Administração de empresas. 2. Economia. 3.
Globalização. I. Silva, Clayton Robson Moreira da. CDD
658.812

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Aplicação Prática da Administração na Economia Global 2”, publicada pela Atena Editora, reúne um conjunto de quatorze capítulos que abordam diferentes temas relacionados à administração, com foco em sua aplicação prática. Discutir a prática gerencial possibilita o avanço da ciência administrativa e promove o intercâmbio de conhecimento entre gestores, acadêmicos e técnicos, bem como suscita a aprendizagem por meio da reflexão sobre os diversos fenômenos organizacionais abordados no decorrer dos capítulos.

Assim, este livro emerge como uma fonte de pesquisa robusta, que explora a prática da administração em diferentes contextos. Os capítulos iniciais contemplam estudos focados em temas como empreendedorismo, inovação e associativismo. Os capítulos seguintes discutem práticas de administração no campo do setor público, trazendo estudos sobre temas relevantes para a gestão pública, tais como sustentabilidade, licitações, sistemas de informação e políticas públicas. Os capítulos finais apresentam estudos no contexto da educação.

Desse modo, sugiro esta leitura àqueles que desejam expandir seus conhecimentos por meio de um arcabouço teórico especializado, que contempla um amplo panorama sobre a aplicação prática da administração na economia global, possibilitando a ampliação do debate acadêmico e conduzindo docentes, pesquisadores, estudantes, gestores e demais profissionais à reflexão sobre os diferentes temas que se desenvolvem no âmbito da administração.

Finalmente, agradecemos aos autores pelo empenho e dedicação, que possibilitaram a construção dessa obra de excelência, e esperamos que este livro possa ser útil àqueles que desejam ampliar seus conhecimentos sobre os temas abordados pelos autores em seus estudos.

Boa leitura!

Clayton Robson Moreira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A IMPORTÂNCIA DA CONVERGÊNCIA ENTRE PERFIL MOTIVACIONAL E SUPORTE ORGANIZACIONAL/SOCIAL NA GESTÃO DE PESSOAS

Mayara Bertazo Gaube
Simone Bochi Dorneles
Matheus Miller de Campos Viana

DOI 10.22533/at.ed.0542028091

CAPÍTULO 2..... 13

A SATISFAÇÃO DE COLABORADORES: UM ESTUDO NO LABORATÓRIO ANALÍTICO EM UMA ORGANIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE ANÁPOLIS-GO

Flávio Godoi de Oliveira
Pedro Diego Gualberto
Tallyta Carolina da Silva
Márcia Sumire Kurogi Diniz

DOI 10.22533/at.ed.0542028092

CAPÍTULO 3..... 28

PRAZER, EU SOU WATSON: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DA ÁREA DE GESTÃO DE PESSOAS SOBRE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Emmanuelle Fonseca Marinho de Anias Daltró
Cristiane Mascarenhas Leite
Paulo Soares Figueiredo
Antônio Eduardo de Albuquerque Junior
Ernani Marques dos Santos
Pedro Canna Brazil Ramos

DOI 10.22533/at.ed.0542028093

CAPÍTULO 4..... 38

COMPETÊNCIAS VIRTUAIS: UMA NOVA ABORDAGEM PARA OS CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DE LÍDERES

Renato Lima dos Santos
Natanael Camilo da Costa
Marcus Vinícius Oliveira Braga
Júnior Cleber Alves Paiva
Mariana Silveira de Oliveira
Rafael Luis da Silva

DOI 10.22533/at.ed.0542028094

CAPÍTULO 5..... 48

A INDISSOCIÁVEL RELAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO E LIDERANÇA EM PROCESSOS DE MUDANÇA POR FUSÕES E AQUISIÇÕES

Stella Regina Reis da Costa
Delaíse Pimentel Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.0542028095

CAPÍTULO 6	71
REVISÃO BIBLIOMÉTRICA SOBRE FINANÇAS COMPORTAMENTAIS NO MUNDO DE 2016 A 2019	
Luiz Antonio de Oliveira Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.0542028096	
CAPÍTULO 7	98
DETERMINANTES DA ESTRUTURA DE CAPITAL DAS EMPRESAS BRASILEIRAS LISTADAS NA B3 NO PERÍODO DE 2007 A 2016	
Cláudia Luciana Tolentino Santos	
DOI 10.22533/at.ed.0542028097	
CAPÍTULO 8	115
ANÁLISE MULTICRITERIAL DA COMPETITIVIDADE EMPRESARIAL SOB TRÍPLICE PERSPECTIVA: FINANCEIRA, GOVERNANÇA CORPORATIVA E SUSTENTABILIDADE	
José Ribamar Marques de Carvalho	
Adriana Fumi Chim Miki	
Cibele Cristina da Silva	
Enyedja Kerlly Martins de Araújo Carvalho	
Francisco Dinarte de Sousa Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.0542028098	
CAPÍTULO 9	133
CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE MOVELEIRA NA CIDADE DE OURÉM, PA	
Nívea Maria Mafra Rodrigues	
Denyse Cássia de Maria Sales	
Alessandra da Cunha Pessoa	
Thais Santos Amorim	
Ricardo Gabriel Almeida Mesquita	
Maria Joseane Marques de Lima	
Líbina Costa Santos	
Lídia da Silva Amaral	
Antonio Elson Ferreira Borges	
DOI 10.22533/at.ed.0542028099	
CAPÍTULO 10	141
<i>BIG DATA EM COMPRAS: UMA PESQUISA SOBRE O USO EM INDÚSTRIAS BRASILEIRAS</i>	
Karen Cristina Araujo Facio	
DOI 10.22533/at.ed.05420280910	
CAPÍTULO 11	158
DESAFIOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DA INDÚSTRIA 4.0 NO BRASIL	
Tuany Esthefany Barcellos de Carvalho Silva	
Andreziene Almeida dos Santos	
Joyce de Lucena Miguel	
Daiane Rodrigues dos Santos	

Rogério Mandelli

DOI 10.22533/at.ed.05420280911

CAPÍTULO 12..... 173

CONSTRUÇÃO DE BRANDING E SUAS INTERFACES NO SEGMENTO DO ENTRETENIMENTO: UM ESTUDO DE CASO DAS MARCAS ROCK IN RIO E FYRE FESTIVAL

Natan Henrique Ferreira Ribeiro

Murilo Sérgio Vieira Silva

DOI 10.22533/at.ed.05420280912

CAPÍTULO 13..... 198

INTENÇÃO DE RELACIONAMENTO: A VISÃO RELACIONAL *BUSINESS-TO-BUSINESS* NO SEGMENTO AUTOMOTIVO BRASILEIRO

Cátia Biondo

Jaqueline Rosa

Geórgia Patricia da Silva Ferko

Fernanda Zanella Durante

Emerson Clayton Arantes

DOI 10.22533/at.ed.05420280913

CAPÍTULO 14..... 215

ABASTECIMENTO DE UM CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO VAREJISTA: ESTUDO DE CASO SOBRE A REDE DE SUPERMERCADOS PREZUNIC

Elton do Espírito Santo Santos

Fábio Braun Silva

Marcelo Silva Alves

Thiene Diniz Braun Silva

Denílson Queiroz Gomes Ferreira

Marcus Brauer

DOI 10.22533/at.ed.05420280914

CAPÍTULO 15..... 228

PMO COMO FERRAMENTA PARA A GESTÃO DO CONHECIMENTO ORGANIZACIONAL: ESTUDO DE CASO EM UMA ORGANIZAÇÃO PROJETIZADA DO SETOR DE SERVIÇOS DE SANEAMENTO

Tácito Almeida de Lucca

Marcus Phoebe Farias Hinnig

Neri dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.05420280915

CAPÍTULO 16..... 254

***TECHNOLOGY SCANNING* EM PAÍSES MENOS DESENVOLVIDOS: INTEGRANDO AS INFORMAÇÕES DAS PATENTES E DAS MARCAS REGISTRADAS**

Shih Chih Hsun

DOI 10.22533/at.ed.05420280916

CAPÍTULO 17.....	276
TURISMO RELIGIOSO: DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA CIDADE DE ITAPETININGA, ESTADO DE SÃO PAULO – BRASIL	
Marcus Tadeu Quarentei Cardoso	
Alequexandre Galvez de Andrade	
Nélio Fernando dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.05420280917	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	287
ÍNDICE REMISSIVO.....	288

CAPÍTULO 8

ANÁLISE MULTICRITERIAL DA COMPETITIVIDADE EMPRESARIAL SOB TRÍPLICE PERSPECTIVA: FINANCEIRA, GOVERNANÇA CORPORATIVA E SUSTENTABILIDADE

Data de aceite: 01/09/2020

José Ribamar Marques de Carvalho

Universidade Federal de Campina Grande,
Sousa, PB, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6335184086197610>

Adriana Fumi Chim Miki

Universidade Federal de Campina Grande,
Campina Grande, PB, Brasil,
<http://lattes.cnpq.br/6294505765908268>

Cibele Cristina da Silva

Universidade Federal de Campina Grande,
Brasil, Sousa, PB, Brasil,
<http://lattes.cnpq.br/1812334259108007>

Enyedja Kerlly Martins de Araújo Carvalho

Faculdade São Francisco da Paraíba,
Sousa, PB, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/0829097471346178>

Francisco Dinarte de Sousa Fernandes

Universidade São Caetano do Sul
Universidade federal de Campina Grande,
Sousa, PB, Brasil,
<http://lattes.cnpq.br/3676569976022686>

RESUMO: Através de Análise Multicritério com Método PROMETHEE II analisou-se o desempenho empresarial sob três lógicas: financeira, governança corporativa e sustentabilidade. A pesquisa é aplicada, descritiva e quantitativa. Onze indicadores foram analisados em 19 empresas selecionadas do site BM&F Bovespa consideradas do setor não-cíclico

(atualmente nomeada de B3). Os resultados indicaram um ranking de competitividade empresarial em direção a governança corporativa, bem como corroboram achados anteriores relacionando o desempenho financeiro, a governança corporativa e a sustentabilidade empresarial. O estudo valida um método para apoiar a decisão de investidores, produzindo um ranking de competitividade empresarial a partir de critérios financeiros e não-financeiros.

PALAVRAS-CHAVE: Sustentabilidade Corporativa; Competitividade Empresarial; Indicadores de Decisão, Análise Multicritério.

MULTICRITERIA ANALYSIS OF BUSINESS COMPETITIVENESS BY TRIPLE PERSPECTIVE: FINANCIAL, CORPORATE GOVERNANCE AND SUSTAINABILITY

ABSTRACT: This paper analyzed business performance by three perspectives, financial, corporate governance and sustainability, through a multicriteria analysis based on PROMETHEE II Method. The research is applied, descriptive and quantitative. Nineteen firms selected from the BM & F Bovespa website of the non-cyclical sector (currently named B3) and, 11 indicators were analyzed. The results indicated a ranking of corporate competitiveness towards corporate governance, as well as corroborate previous findings regards to financial performance, corporate governance, and corporate sustainability. The study validates a method to support the decision of investors, producing a ranking of business competitiveness from financial and non-financial criteria.

KEYWORDS: Corporate Sustainability; Business Competitiveness; Decision Indicators, Multicriteria Analysis.

1 | INTRODUÇÃO

A mobilização da sociedade voltada às práticas e políticas sustentáveis tem sido crescente, movimentando ações e cobrando iniciativas empresariais que evidenciem estratégias eficazes de desenvolvimento social. Isto gera impactos sobre as empresas para manterem-se competitivas, impulsionando-as na direção da Responsabilidade Social Corporativa, ou seja, na perspectiva de contribuir voluntariamente para uma sociedade melhor (Dahlsrud, 2008), vez que configura-se como um dos fatores que contribuem para a reputação da empresa, e conseqüentemente para a competitividade organizacional (Gugler & Shi, 2009; Roberts & Dowling, 2002).

Um número crescente de estudos sobre questões de sustentabilidade no ambiente dos negócios vem sendo desenvolvidos (Chih, Chih, & Chen, 2010; Lourenço & Branco, 2013; Orsato, Garcia, Mendes-Da-Silva, Simonetti, & Monzoni, 2015) que se alinham ao fato de que empreendimentos atuando em foco eminentemente financeiro podem ter problemas de desempenho organizacional (Feil & Naime, 2015; Levy, Szejnwald Brown, & De Jong, 2010; Moraes, Perera, do Milani Filho, & Kerr, 2014).

Por outro, lado, mas no mesmo sentido, cresce os estudos sobre práticas de Governança Corporativa (GC) e seus impactos no desempenho da empresa (da Silva, De Montreuil Carmona, & Cravo Teixeira Lagioia, 2011; Grewatsch & Kleindienst, 2017; Shahwan, 2015). Esse interesse talvez esteja ancorado no fato de que uma das funções da GC é estabelecer mecanismos para monitorar e controlar o comportamento dos gestores, no intuito de alinhar interesses e reduzir a assimetria de informação entre gestores e acionistas (Shleifer & Vishny, 1997), representando outra faceta da reputação da empresa que afeta sua competitividade.

Lloret (2016) e Shahwan (2015) reforçam essas premissas quando mostram que as organizações ao trabalhar ativamente para melhorar o desempenho ambiental a GC também alcançam um desempenho financeiro positivo ao longo do tempo. Entre as diferentes perspectivas teóricas que apoiam os estudos nestas vertentes, emergem basicamente aqueles estudos que tem procurado focar estratégias de pesquisas nos quatro princípios básicos da GC: a transparência, a prestação de contas, a responsabilidade e a justiça (Aras & Crowther, 2008).

Elkington (2001), por exemplo, aproxima a governança corporativa da sustentabilidade empresarial, com foco na gestão e na prestação de contas dos administradores para os proprietários, quando apresenta o conceito “Tripé da Sustentabilidade”, chamado *Triple Bottom Line* (TBL), uma metodologia de avaliação focada no balanceamento das dimensões ambiental, social e econômica no contexto das atividades empresariais, na tentativa de

equilibrar às ações do negócio, o capital natural e o capital humano.

Gray e Bebbington (2007) fazem uma discussão interessante sobre o papel das corporações no contexto das práticas de governança corporativa e da sustentabilidade. Defendem que as corporações líderes adotaram o linguajar do desenvolvimento sustentável como um linguagem própria na tentativa de intensificar o nível de créditos de suas operações empresariais em busca de garantir competitividade. Desde a teoria dos *stakeholders* que o conceito e *status* de Responsabilidade Social Empresarial (RSE) atingiu um patamar no núcleo estratégico, reconhecido, simultaneamente, como parte e fonte da competitividade corporativa (Gugler & Shi, 2009).

Destarte o consenso entre os pesquisadores no tema anteriormente exposto, ainda existe um gap na literatura da área. No intuito de contribuir com opções metodológicas na direção deste gap, este estudo foi desenvolvido com o objetivo de verificar o desempenho empresarial, considerando a GC, a sustentabilidade e o desempenho financeiro, nas companhias do setor não cíclico que negociam suas ações na B3. Para atender este objetivo foi realizada uma pesquisa quantitativa utilizando análise comparativa multicriterial das práticas de sustentabilidade e governança corporativa associada a indicadores financeiros, via método PROMETHEE II (*Preference Ranking Method for Enrichment Evaluation*)

Portanto, esta pesquisa oferece uma estrutura sistêmica de análise que possibilita um *ranking* final para identificar e comparar a performance de diferentes empresas. A relevância deste estudo está na oferta de uma opção metodológica para as empresas reconfigurarem suas atividades operacionais, estratégias, objetivos, entre outros, a partir de uma análise do mercado que estão inseridas, atendendo, assim, preceitos da governança e sustentabilidade corporativa, posto ser mecanismos de gestão que pode agregar valor competitivo (Feil & Naime, 2015; Oberndorfer, Schmidt, Wagner, & Ziegler, 2013). Em alguns casos, estas ações podem garantir a sobrevivência da empresa, posto que Moraes et al. (2014) ao realizar um estudo nas empresas que compõem o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da B3 identificaram que empresas comprometidas com as melhores práticas de desenvolvimento sustentável têm menor probabilidade de insolvência.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Governança Corporativa, Sustentabilidade e Competitividade

Os princípios da boa Governança Corporativa (GC), transparência, prestação de contas, responsabilidade e justiça, estão relacionados com a responsabilidade social corporativa da empresa (Aras & Crowther, 2008), bem como com a sustentabilidade empresarial. Questionamentos vigentes e recorrentes nas últimas 4 décadas dizem respeito ao retorno financeiro proporcionado pelos investimentos de empresas que lastreiam suas

práticas alinhadas à sustentabilidade empresarial ou ainda a práticas de governança corporativa (Cruz & de Lima, 2010; Grewatsch & Kleindienst, 2017; Healy & Palepu, 2001).

Apesar da consonância entre a governança corporativa e a sustentabilidade (Elkington, 2001) no campo da pesquisa acadêmica se estabeleceram duas linhas próximas, porém independentes: investigação de divulgação de desempenho das organizações (disclosure) e os índices de sustentabilidade. A Teoria da Divulgação baseada no Julgamento (Discretionary-based Disclosure), conhecida como a Teoria do Disclosure Voluntário, provê o arcabouço conceitual para examinar os incentivos que os gestores e/ou as empresas têm para divulgar informações de maneira voluntária (Verrecchia, 2001).

A sustentabilidade corporativa (Corporate Sustainability) implica a incorporação dos objetivos do desenvolvimento sustentável, ou seja, objetivos que estejam direcionados à busca da equidade social, eficiência econômica e desempenho ambiental, em práticas operacionais de uma empresa (Labuschagne, Brent, & Van Erck, 2005).

A correlação entre desempenho ambiental e desempenho financeiro tem sido estudada e algumas pesquisas sugerem que empresas que trabalham ativamente para melhorar o desempenho ambiental estão inclinadas a alcançar um desempenho financeiro positivo no longo prazo (ex. Lloret, 2016; Oberndorfer et al., 2013). Lloret (2016) também recomenda abordagens combinadas, pois um modelo de sustentabilidade assume uma grande complexidade em razão da interação que as várias dimensões exercem no âmbito empresarial (social, econômica, ambiental, institucional, cultural etc.).

Um ponto importante na competitividade das empresas é a atração de investidores, e neste sentido Oberndorfer et al. (2013) salientam que os investidores estão assumindo posturas acerca da questão, ou seja, buscando investimento socialmente responsáveis (Socially Responsible Investing – SRI), ou investimento ético ou sustentável (Ethical or Sustainable Investing). Esta prática de escolher alternativas de investimento com base em aspectos ambientais, sociais e éticos abre um novo front na análise da competitividade das empresas perante o mercado (Lloret, 2016).

A combinação de medidas de performance financeiras e não financeiras é apontado como uma estratégia para a gestão no *Sustainability Balanced Scorecard* - BSC Sustentável (Schaltegger & Wagner, 2006). Neste mesmo sentido, Chih et al. (2010) estudaram 520 empresas em 34 países para identificar se a sustentabilidade empresarial é uma estratégia influenciada por variáveis financeiras e institucionais, tendo verificado que as empresas tendem a adotar estratégias mais alinhadas a sustentabilidade quando o mercado é mais intenso e competitivo.

Orsato et al. (2015) estudaram o desempenho econômico-financeiro das empresas que formam a carteira de ações do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) e identificaram motivos que levam as organizações a fazer parte de índices de sustentabilidade em mercados de ações. Os resultados suportam as principais proposições da teoria institucional, sinalizando que “vale a pena ser verde” e que o valor intangível criado por

iniciativas ambientais voluntárias, como o acesso ao conhecimento, novas capacidades e ganho de reputação, podem explicar melhor os esforços de tais empresas a estarem classificadas no referido índice.

Outro ângulo na geração da competitividade empresarial no que tange a atração de investidores pode advir da (GC), na qual duas perspectivas são dominantes para explicar a sustentabilidade empresarial, a Teoria da Agência (Jensen & Meckling, 1976) e a Teoria dos Stakeholders (Freeman, 1984). A primeira explica a relação conflitante entre os gestores e os principais acionistas, e com base nesta teoria considera-se que a GC reduz os conflitos de agência (Hussain, Rigoni, & Orij, 2018) e, portanto, melhora a capacidade e legitimidade da empresa (Michelon & Parbonetti, 2012), e conseqüentemente o desempenho (Jo & Harjoto, 2014). A segunda, Teoria dos Stakeholders, complementa a Teoria da Agência na GC. Ambas desestimulam e criam mecanismo contra o comportamento oportunista de gestão, protegendo seus acionistas e incluindo metas sociais nas estratégias da empresa (Hussain et al., 2018; Michelin & Parbonetti, 2012).

A avaliação dos sistemas de GC é indicada por Mason e Simmons (2014), com base na teoria dos stakeholders, para verificar condições de poder, eficácia e equidade. Também é corroborada por Krechovská e Procházková (2014) em uma relação entre sustentabilidade, CG e performance, a qual deve passar formulação dos objetivos, das estratégias, das políticas e processos corporativos indicando o esforço da empresa para ser sustentável e competitiva. Estes pressupostos teóricos encontram apoio nos autores anteriormente citados que salientam a importância do uso de indicadores financeiros e não-financeiros (Chih et al., 2010; Schaltegger & Wagner, 2006), e de abordagens combinadas na avaliação da competitividade empresarial (Lloret, 2016; Orsato et al., 2015).

3 | ASPECTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa aplicada e descritiva que objetiva gerar conhecimentos práticos e dirigida à solução de problemas específicos, com base na análise de empresas que atuam na B3 durante os anos de 2015, 2016 e 2017. Os dados são secundários coletados a partir das Bases de Dados Económica®. Quanto a natureza trata-se de uma pesquisa de corte quantitativo, sendo uma análise multicriterial.

O processo de tomada de decisões no contexto empresarial tornou-se um processo complexo e algumas vezes conflitantes, dependente de inúmeros fatores, além de habilidades, preferências e conhecimentos do decisor (Araújo & Almeida, 2009). É no auxílio a este processo que as metodologias Multicritério de Apoio à Decisão mostram-se eficazes, pois fornecem um resultado que satisfaz a um conjunto de critérios em que os decisores esperam alcançar mais de um objetivo, sendo conhecidos como multicritério, multiatributo ou multiobjetivo (Gomes & Gomes, 2000; Vincke, 1992).

Assim, esta metodologia permite ao tomador de decisão focar na sustentabilidade

corporativa considerando três tipos de critérios: financeiros, de CG e de sustentabilidade. Utilizou-se um dos métodos da família PROMETHEE (Preference Ranking Method for Enrichment Evaluation), pois permitem envolver parâmetros com interpretação física e econômica de fácil compreensão para os decisores através do software Visual PROMETHEE, versão 1.3. Especificamente, o método PROMETHEE II vem sendo amplamente utilizado no âmbito internacional, e dispõe de seis tipos de funções de preferências para avaliar os indicadores (critérios) configurando-se uma ferramenta que proporciona o ordenamento geral do desempenho empresarial sustentável.

Amostra do Estudo

As empresas integrantes do presente estudo foram todas empresas cadastradas na BM&FBOVESPA (B3), que são sociedades anônimas do setor de consumo não cíclico, subsetor (agropecuárias), segmentos (agricultura, açúcar e álcool). A escolha deste setor foi dada a sua relevância para economia brasileira e por serem segmentos que necessitam adotar estratégias e práticas organizacionais sustentáveis. Então, a amostragem foi não probabilista, por conveniência, nesta pesquisa adotado a totalidade de empresas cadastradas no B3, por serem empresas que marcam a economia do país. Assim sendo, foi composta de 19 empresas, sendo: cinco do segmento de Agricultura, três de Açúcar e Alcool, três de Alimentos em geral, seis de Carnes e Derivados e, duas do segmento de Limpeza e Produtos de Uso pessoal.

A escolha desse setor foi embasada na importância histórica deste setor para o PIB nacional, vez que os resultados alcançados pelas exportações do agronegócio brasileiro que atingiram 96 bilhões de dólares em 2017. Ocorreu um aumento de 13% em relação a 2016. A relevância é significativa, sem a exportação do agro brasileiro, a balança comercial seria deficitária em 15 bilhões de dólares. Acrescente-se ainda o fato de que nas duas últimas décadas (entre 1997 a 2017), o Brasil exportou 1,23 trilhões de dólares, e o agronegócio foi o setor que mais contribuiu para a balança comercial e para a economia brasileira. O agronegócio responde atualmente – dados de abril de 2018 – por 44,8% das exportações totais do Brasil (Brasil, 2018)

Variáveis de Análise, Indicadores e Método

A análise considerou 11 variáveis no período de 2015 a 2017, sendo quatro qualitativas e sete quantitativas, que foram coletadas no período de março a agosto de 2018.

As variáveis qualitativas (Figura 1) foram selecionadas a partir do site da B3, sendo elas: Novo Mercado (NM), Nível 1 (N1), Nível 2 (N2) e Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE). A classificação dessas variáveis para cada uma das empresas foi feita a partir da adoção de uma escala dicotômica onde:

VARIÁVEL	DESCRIÇÃO	JUSTIFICATIVA
Novo Mercado (NM)	Firmou-se na última década como uma seção destinada à negociação de ações de empresas que adotam voluntariamente práticas de governança.	O Novo Mercado conduz as empresas ao mais elevado padrão de governança corporativa. As empresas listadas nesse segmento podem emitir apenas ações com direito a voto, as chamadas ações ordinárias (ON).
Nível 1 (N1)	Divulgam informações adicionais às exigidas em lei. O <i>freefloat</i> mínimo de 25% deve ser mantido nesse segmento, ou seja, a empresa se compromete em manter no mínimo 25% de ações em circulação no mercado.	As empresas listadas neste segmento devem adotar práticas que favoreçam a transparência e o acesso as informações pelos investidores.
Nível 2 (N2)	No caso de venda do controle das empresas é assegurado aos detentores de ações ordinárias e preferenciais o mesmo tratamento concedido ao acionista controlador, prevendo, portanto, o direito de <i>tagalong</i> de 100% do preço pago pelas ações ordinárias do acionista controlador.	As empresas listadas têm o direito de manter ações preferenciais (PN). As ações preferenciais ainda dão o direito de voto aos acionistas em situações críticas, como a aprovação de fusões e incorporações da empresa e contratos entre o acionista controlador e a empresa, sempre que estas decisões estiverem sujeitas à aprovação na assembleia dos acionistas.
ISE	Busca criar um ambiente de investimento compatível com as demandas de desenvolvimento sustentável da sociedade e estimular a responsabilidade ética das corporações.	É uma ferramenta para análise comparativa da <i>performance</i> das empresas listadas na BOVESPA sobre o aspecto da sustentabilidade corporativa, baseado em eficiência econômica, equilíbrio ambiental, justiça social e governança corporativa, também amplia o entendimento sobre empresas e grupos comprometidos com a sustentabilidade.

Figura 1 - Variáveis Qualitativas

Nota: Elaborado pelos autores a partir da B3.

Variável NM: foi atribuído (1) para a (s) empresa (s) que estava (m) classificada (s) no NM no Novo Mercado e (0) para a empresa que não estava classificada no respectivo ano de análise; Variável N1: atribuiu-se o valor 0,75 caso estivesse classificada no Nível 1 e 0 para não; N2: foi atribuído 0,50 para a empresa classificada nesse grupo e 0 para não; Já para a variável ISE, foi atribuído 1,0 para a empresa que estava nesse grupo e 0 para não. Todas as variáveis apresentam relação positiva com a temática do estudo, ou seja, se buscou maximizar seu valor, adotando o raciocínio que quanto maior esse indicador / variável melhor a relação com a temática do estudo.

As sete variáveis quantitativas selecionadas foram baseadas na proposta de Lyra (2008) que ranqueou através do Método da Análise Hierárquica de Processo (Analytic Hierarchy Process, AHP) de indicadores contábeis de desempenho empresarial, sendo: rentabilidade sobre o patrimônio líquido, rentabilidade sobre o ativo, crescimento das vendas, liquidez corrente, composição do endividamento, margem líquida e giro do ativo (Figura 2).

VARIÁVEL	FÓRMULA	DESCRIÇÃO	JUSTIFICATIVA
Rent. Sobre PL (RPL)	$(\text{Lucro líquido} + \text{Part. Acionistas Minoritários}) / \text{Patrimônio Líquido} + \text{Part. Acionistas Minoritários} * 100$	Rateio entre Lucro Líquido pelo Patrimônio Líquido	Os indicadores de rentabilidade visam mostrar o êxito econômico da empresa por meio da comparação dos resultados obtidos, em cada etapa do processo produtivo, com os recursos gerados e consumidos no processo.
Rent. Sobre Ativo (RA)	$(\text{Lucro líquido} + \text{Part. Acionistas Minoritários}) / \text{Ativo Total} * 100$	Divisão do Lucro operacional antes da divisão das despesas financeiras pelo Ativo operacional	
Crescimento das vendas (Margem bruta) (CV)	$(\text{Lucro Bruto} / \text{Receita operacional}) * 100$	Evolução da Receita Bruta das vendas	Os indicadores de rentabilidade visam mostrar o êxito econômico da empresa por meio da comparação dos resultados obtidos, em cada etapa do processo produtivo, com os recursos gerados ou consumidos no processo.
Margem Líquida (ML)	$(\text{Lucro Líquido} + \text{Part. Acionista Minoritários}) / \text{Receita Líquida Oper.} * 100$	Lucro Líquido dividido pela Receita Operacional	
Liquidez Corrente (LC)	$(\text{Ativo CP} / \text{Dívida CP})$	Ativo circulante dividido pelo Passivo circulante	Os indicadores de liquidez têm a finalidade básica de analisar a situação financeira, no aspecto da existência ou não de uma margem de folga entre as aplicações de recursos no giro e as fontes de recursos de terceiros.
Composição do endividamento (CE)	$\text{Dívida CP} / \text{Dívida total} \%$	Divisão do Passivo circulante pela soma do Passivo Circulante como Exigível de Longo Prazo	Indicadores de estrutura de capital compreendem as decisões financeiras das empresas em relação a obtenção e aplicação de recursos financeiros, indicando a relação de dependência da empresa em função de recursos de terceiros
Giro do Ativo (GA)	$\text{Receita líquida operacional} / \text{Ativo total}$	$\text{Receita líquida operacional} / \text{Ativo total}$	Os indicadores de atividade são fundamentais no uso combinado com os indicadores de liquidez, endividamento e rentabilidade para medir a eficácia com que a empresa gira seus ativos.

Figura 2: Variáveis Quantitativas

Nota: Elaborado pelos autores a partir de Lyra (2008).

Os métodos da família PROMETHEE também baseiam-se em duas fases: construção de uma relação de sobreclassificação, agregando informações entre as alternativas e os critérios, e exploração dessa relação para apoio a decisão (Brans & Mareschal, 2005). Estes métodos produzem uma relação de sobreclassificação valorada, com base em conceitos que podem ser interpretados, de forma física ou econômica, pelo decisor. Para esse estudo optou-se pelo método PROMETHEE II, um dos métodos de consiste na construção e exploração de uma relação de sobreclassificação de valores (Vincke, 1992), sendo utilizados em problemas multicritério.

O Método PROMETHEE II é baseado na utilização do fluxo líquido $\emptyset(a) =$, que é obtido da seguinte forma:

$$\emptyset(a) = \emptyset_+(a) - \emptyset_-(a)$$

Com base no indicador $\emptyset(a)$, as alternativas são organizadas em ordem decrescente, estabelecendo uma pré-ordem completa entre as alternativas, a partir das seguintes relações:

Preferência: aPb se $\emptyset(a) > \emptyset(b)$. Indiferença: alb se $\emptyset(a) = \emptyset(b)$.

Deve-se observar que a ocorrência da condição para a relação de indiferença é muito pouco provável, o que leva geralmente à consideração de que o PROMETHEE II estabelece uma ordem completa. Para esse estudo foi adotado o mesmo peso para todos os indicadores, ou seja, não houve importância diferenciada de um indicador em relação ao outro.

O Método faz a análise para cada par de alternativas sendo calculados dois índices de preferências: o fluxo positivo, $Phi+$ ($\emptyset+$), e o fluxo negativo, $Phi-$ ($\emptyset-$). A grandeza $Phi+$ expressa o quanto uma alternativa sobreclassifica todas as outras, assim, quanto maior o fluxo positivo de uma alternativa, melhor ela é. A grandeza $Phi-$ expressa o quanto uma alternativa é sobreclassificada pelas demais, ou seja, quanto menor o fluxo negativo de uma alternativa, melhor ela é. Essas grandezas são usadas para explorar as relações entre as alternativas, e a diferença entre elas (Phi) gera o ranking de alternativas. Assim, quanto maior a Phi resultante, mais alto o ranking. Nesta pesquisa, quanto maior o Phi , melhor o desempenho da empresa analisada considerando os critérios utilizados (variáveis).

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO: ANÁLISE MULTICRITERIAL DOS DADOS

A Tabela 1 mostra os valores mínimos e máximos, a média e o desvio padrão das 11 variáveis para as 19 empresas, no período analisado (2015-2017). Pode-se observar que existe uma elevada variação destes índices nas empresas deste grupo, fato que dificulta uma tomada de decisão.

Ano	Estatístico	NM	NI	N2	ISE	RPL	RA	CV	LC	CE	ML	GA
2015	Mínimo	0,00	0,00	0,00	0,00	-1504,20	-53,70	-19,90	0,10	1,10	-83,20	0,20
	Máximo	1,00	0,75	0,00	1,00	48,50	24,50	69,40	6,40	99,60	56,70	1,60
	Média	0,26	0,04	0,00	0,58	-74,28	-2,18	27,38	1,66	40,28	-2,05	0,78
	Desvio padrão	0,44	0,17	0,00	0,49	337,70	15,74	18,42	1,40	24,96	25,39	0,41
2016	Mínimo	0,00	0,00	0,00	0,00	-57,50	-19,80	-7,00	0,10	1,70	-43,70	0,10
	Máximo	1,00	0,00	0,00	1,00	37,40	13,80	69,10	4,40	85,50	14,70	1,70
	Média	0,42	0,00	0,00	0,47	2,25	-0,12	25,61	1,49	34,88	-4,58	0,78
	Desvio padrão	0,49	0,00	0,00	0,50	19,15	6,94	20,78	0,92	22,58	16,57	0,45
2017	Mínimo	0,00	0,00	0,00	0,00	-394,90	-31,01	-9,89	0,10	5,00	-79,44	0,10
	Máximo	1,00	0,00	0,00	1,00	41,00	18,50	70,50	4,30	90,70	19,40	1,60
	Média	0,42	0,00	0,00	0,63	-16,36	-0,43	26,05	1,44	34,85	-3,43	0,76
	Desvio padrão	0,49	0,00	0,00	0,48	90,01	10,49	16,88	0,90	20,81	22,84	0,38

Tabela 1 - Variações nos indicadores no período de 2015 a 2017

Fonte: Dados da pesquisa.

Analisando individualmente as empresas, no ano de 2015, o primeiro lugar no Ranking foi obtido pela BRF SA, reflexo do $\emptyset = 44\%$, o que retrata o bom desempenho tanto no CV (31,30), quanto na LC (1,70), muito embora a CE não tenha refletido essa situação (17,30). Nos dois anos seguintes, a empresa que obteve o primeiro lugar foi a M. Dias Branco, com

melhor desempenho em todos os índices financeiros. Essa constatação empírica é apoiada pela perspectiva de Silva (2007), quando apontam que o volume de vendas gera liquidez financeira empresarial e proporciona ganhos na rentabilidade e alavancagem operacional. Neste mesmo ano, a empresa que ficou com pior posicionamento no ranking (19º) foi a Pomifrutas ($\bar{O} = -0,5859$), devido ao baixo desempenho dos seus indicadores financeiros.

No ano de 2016, houve uma variação nas posições do ranking, a empresa M. Dias Branco, saiu da quarta posição em relação ao ano anterior e passou a ser a primeira no ranking ($\bar{O} = 0,45$) em relação as outras (Tabela 4). Observa-se que quase todos os seus indicadores financeiros apresentaram um bom desempenho (Tabela 3). Em contrapartida a empresa que ocupou a última posição no ranking foi a Terra Santa com um percentual de ($\bar{O} = -0,3485$), apresentando uma queda no ranking quando se compara com o ano de 2015, os indicadores que mais contribuíram para esse cenário foram RPL (-15,1), RA (7,0), CE (17,60) e ML (-17,6).

A empresa M. Dias Branco permaneceu na primeira posição em 2017. A Pomifrutas repetiu o quadro negativo do ano de 2015 ($\bar{O} = -0,4798$), reflexo principalmente da baixa RPL e da ML. No ranking de governança se observou que no ano de 2016, a empresa M. Dias Branco permaneceu em primeiro lugar no ranking (54% acima das demais organizações), mostrando um avanço em relação ao ano anterior, ocasionado por pequenas evoluções em todos os indicadores analisados. Destacando, entre todas as empresas a Margem Líquida (14,70) indica o lucro líquido em relação às vendas líquidas do período. Também apresentando o percentual de lucratividade gerado e a Rentabilidade sobre o Ativo (13,80), ou seja, mostrando uma eficiência global da alta direção da empresa na geração de lucros com seus investimentos totais, portanto, pode ser entendido como bom desempenho desta organização.

Enquanto que a Pomifrutas apresentou piores desempenhos e continua na última posição (-0,587), apesar de ter obtido uma diminuição significativa do indicador Composição do Endividamento, que está relacionada com a dependência desta empresa em função dos recursos de terceiros. Segundo Marion (2012) este é um índice que pode apresentar concentração significativa no curto prazo ocasionando maiores dificuldades em um momento de reversão de mercado tendo poucas alternativas na crise, deve ser esse o caso da empresa em questão. E apresenta valor nulo na Rentabilidade sobre o PL e um baixo desempenho na Margem Líquida (-40,40).

Como forma de verificar a existência de correlação entre as variáveis relacionadas a governança corporativa e sustentabilidade com os indicadores de desempenho financeiro foi aplicado ao conjunto de variáveis o Coeficiente de Correlação de Postos de Spearman (ρ), considerando um índice de significância de 0,05, pois é uma medida de correlação não-paramétrica, que ao contrário do coeficiente de correlação de Pearson, não requer a suposição que a relação entre as variáveis é linear, nem requer que as variáveis sejam quantitativas. Além de poder ser usado para as variáveis medidas no nível ordinal. Os

resultados principais podem ser observados na Tabela 4.

A variável qualitativa relacionada com a sustentabilidade (ISE) foi a que apresentou maior correlação positiva com as variáveis quantitativas (financeiras). Somente com a Composição do Endividamento que apresenta coeficiente negativo ($\rho = -0,31$). Destaca-se os índices que mostram uma relação alta entre ISE e o Crescimento das Vendas ($\rho = 0,75$) e, com o Giro do Ativo ($\rho = 0,66$).

Por outro lado, as variáveis qualitativas relacionadas a GC apresentaram menores valores de correlação com as variáveis financeiras. O Novo Mercado (NM) que representa empresas que podem emitir apenas ações com direito a voto apresentou seis casos de correlação negativa, tendo expressivo valor de Postos de Spearman ($\rho = 0,92$) somente com outra variável qualitativa, a ISE. Indicando a relação entre sustentabilidade e GC.

Enquanto que a variável N1, que expressa a adoção de práticas que favoreçam a transparência e o acesso as informações pelos investidores, obteve melhores correlação com as variáveis financeiras, tendo apenas um caso de coeficiente negativo, com a Composição do Endividamento ($\rho = -0,14$). Destacou-se a alta correlação com Crescimento das vendas ($\rho = 0,73$), com Giro do Ativo ($\rho = 0,93$) e com a Liquidez Corrente ($\rho = 0,54$). A variável N2 não foi possível realizar a correlação. No geral estes resultados confirmam a influência dos parâmetros relacionados a GC e a sustentabilidade sobre os resultados da empresa, portanto, atuando em sua competitividade no mercado (Tabela 2).

	NM	N1	N2	ISE	RPL	RA	CV	LC	CE	ML
NM	1,00	-0,14	.	0,03	-0,21	-0,26	-0,17	-0,51	0,41	-0,28
	.	0,57	.	0,92	0,39	0,28	0,47	0,02	0,08	0,24
N1	-0,14	1,00	.	0,20	0,30	0,30	0,09	0,15	-0,26	0,30
	0,57	.	.	0,41	0,21	0,21	0,73	0,54	0,29	0,21
N2

ISE	0,03	0,20	.	1,00	0,33	0,41	0,08	0,19	-0,31	0,45
	0,92	0,41	.	.	0,16	0,08	0,75	0,42	0,19	0,05
RPL	-0,21	0,30	.	0,33	1,00	0,89	0,63	0,49	-0,29	0,83
	0,39	0,21	.	0,16	.	0,00	0,00	0,03	0,22	0,00
RA	-0,26	0,30	.	0,41	0,89	1,00	0,52	0,62	-0,27	0,94
	0,28	0,21	.	0,08	0,00	.	0,02	0,00	0,26	0,00
CV	-0,17	0,09	.	0,08	0,63	0,52	1,00	0,44	-0,10	0,56
	0,47	0,73	.	0,75	0,00	0,02	.	0,06	0,67	0,01
LC	-0,51	0,15	.	0,19	0,49	0,62	0,44	1,00	-0,62	0,68
	0,02	0,54	.	0,42	0,03	0,00	0,06	.	0,00	0,00

Tabela 2 - Resultados do Teste de Correlação de Postos de Spearman

Nota: Sig. (0,05)

Fonte: Dados da pesquisa.

Esta alta variação observada nos resultados, torna árdua a tarefa de compreender a competitividade relativa deste grupo de empresas com base nos indicadores mistos utilizados, assim a Análise Multicriterial forneceu uma ferramenta de comparação das empresas. Cada indicador gerou um ranking final, mostrando a posição de cada uma delas e o seu respectivo fluxo líquido representado pela diferença entre Phi+ e Phi-. Isto permitiu estabelecer relações entre essas empresas, englobando o sentido e a função de cada indicador financeiro, fazendo referência à sustentabilidade corporativa (Tabela 3).

Rank	Empresas	Ø	Ø+	Ø-	Rank	Empresas	Ø	Ø+	Ø-	Rank	Empresas	Ø	Ø+	Ø-
1	Brf SA	0,44	0,61	0,17	1	M. Dias Branco	0,45	0,59	0,14	1	M. Dias Branco	0,48	0,60	0,12
2	Brasil Agro	0,42	0,56	0,14	2	Naura	0,33	0,52	0,19	2	Naura	0,25	0,48	0,23
3	Naura	0,37	0,56	0,19	3	Raizen Energ	0,21	0,46	0,25	3	SLC Agrícola	0,22	0,46	0,25
4	M. Dias Branco	0,31	0,51	0,20	4	Minerva	0,17	0,44	0,27	4	Brasil Agro	0,21	0,46	0,25
5	J. Macêdo	0,17	0,44	0,27	5	São Martinho	0,15	0,43	0,29	5	São Martinho	0,15	0,43	0,28
6	São Martinho	0,11	0,40	0,29	6	J. Macêdo	0,11	0,41	0,30	6	Bombril	0,12	0,40	0,29
7	Jbs SA	0,11	0,40	0,30	7	Brf SA	0,10	0,42	0,32	7	Jbs SA	0,11	0,42	0,31
8	Aliperti	0,08	0,40	0,32	8	Josapar	0,02	0,36	0,34	8	P. Açúcar - CBD	0,06	0,38	0,32
9	SLC Agrícola	0,04	0,39	0,35	9	Jbs SA	0,02	0,37	0,35	9	J. Macêdo	0,06	0,39	0,33
10	Raizen Energ	0,02	0,37	0,35	10	Bombril	0,01	0,35	0,35	10	Minerva	0,06	0,38	0,33
11	Marfrig	-0,06	0,32	0,38	11	SLC Agrícola	-0,04	0,35	0,38	11	Raizen Energ	0,05	0,39	0,34
12	Biosev	-0,08	0,33	0,41	12	P. Açúcar - CBD	-0,09	0,30	0,38	12	Marfrig	-0,01	0,35	0,36
13	Minerva	-0,09	0,30	0,39	13	Marfrig	-0,10	0,31	0,41	13	Josapar	-0,06	0,34	0,40
14	P. Açúcar - CBD	-0,10	0,30	0,40	14	Aliperti	-0,12	0,30	0,42	14	Brf SA	-0,16	0,27	0,43
15	Josapar	-0,12	0,30	0,41	15	Minupar	-0,13	0,28	0,41	15	Aliperti	-0,17	0,28	0,45
16	Bombril	-0,27	0,22	0,49	16	Biosev	-0,21	0,25	0,46	16	Minupar	-0,23	0,24	0,47
17	Minupar	-0,29	0,21	0,50	17	Brasil Agro	-0,25	0,24	0,49	17	Terra Santa	-0,30	0,22	0,52
18	Terra Santa	-0,47	0,15	0,62	18	Pomifrutas	-0,26	0,22	0,48	18	Biosev	-0,35	0,17	0,52
19	Pomifrutas	-0,59	0,09	0,67	19	Terra Santa	-0,36	0,19	0,55	19	Pomifrutas	-0,48	0,12	0,60

Tabela 3 - Ranking de Governança Corporativa 2015 a 2017

Nota: Legenda: Ø = Fluxo líquido; Ø+ = Fluxo positivo; e Ø- = Fluxo negativo.

Fonte: Dados da pesquisa.

Extrai-se da Tabela 3 que as cinco melhores performances no ano de 2015 foram obtidas pelas empresas BRF S/A (Ø = 0,44), Brasilagro (Ø = 0,42), Natura (Ø = 0,56), M. Dias Branco (Ø = 0,31) e J. Macêdo (Ø = 0,17) as quais apresentaram os maiores fluxos líquidos positivos. Por outro lado, as piores performances foram obtidas pelas Pomifrutas

($\emptyset = -0,59$), Terra Santa ($\emptyset = -0,47$), Minupar ($\emptyset = -0,29$), Bombril ($\emptyset = -0,27$) e Josapar ($\emptyset = -0,12$), conforme as comparações realizadas entre os fluxos positivos e negativos.

No ano de 2016, apenas duas das empresas de 2015 conseguiram se manter no ranking das cinco melhores, que sejam: M. Dias Branco ($\emptyset = 0,45$), Natura ($\emptyset = 0,33$), Raizen Energ ($\emptyset = 0,21$), Minerva ($\emptyset = 0,17$) e São Martinho ($\emptyset = 0,15$) e as piores posições foram obtidas por Terra Santa ($\emptyset = -0,36$), Pomifrutas ($\emptyset = -0,26$), Brasilagro ($\emptyset = -0,2424$), Bioserv ($\emptyset = -0,21$) e Minupar ($\emptyset = -0,13$).

Durante o ano de 2017 se destacam no ranking de governança corporativa as empresas M. Dias Branco ($\Phi = 0,4848$), Natura ($\emptyset = 0,2525$), SLC Agrícola ($\emptyset = 0,2172$), Brasilagro ($\emptyset = 0,21$) e São Martino ($\emptyset = 0,15$). Nas cinco piores posições do ranking de GC estão as empresas Pomifrutas ($\emptyset = -0,48$), seguida da Bioserv ($\emptyset = -0,35$), Terra Santa ($\emptyset = -0,30$), Minupar ($\emptyset = -0,23$) e Aliperti ($\emptyset = 0,17$)

O cenário observado neste período aponta algumas variações no desempenho da GC que tem gerado mudanças bruscas de posicionamento em alguns casos, e a uma certa concentração de desempenho entre as empresas posicionadas com performance medianas. No período estudado, ocorreram evoluções e déficits de acordo com as variações dos indicadores financeiros de rentabilidade, liquidez e estrutura de capital (Figura 3). No primeiro caso, destaca-se a empresa Brf S/A que se encontrava na 1º posição em 2015, 7ª em 2016 e 14ª posição em 2017, denotando uma mudança drástica de posições dentro do ranking de GC. Outra empresa que teve mudanças significativas foi a Minerva, que em 2015 estava na 13ª, em 2016 alcançou a 3ª posição, e declinou para a 10ª posição em 2017.

No caso da empresa a Brf S/A, o quadro foi ocasionado pela queda em todos os indicadores, principalmente em RPL e RA. Diferentemente da BRF AS, nota-se uma consistência nas comparações da empresa Natura que praticamente não oscilou sua posição durante os três anos comparados, ficando em 2015 na 3ª posição, e em 2016, 2017 na 2ª posição, ou seja, demonstrando consistência de suas práticas empresariais em torno da governança corporativa. Igual situação pode ser observada na empresa M. Dias Branco, que apesar das pequenas alterações apresentadas nos seus indicadores, finalizou o ano de 2015 no 4º lugar do ranking, e acabou sendo a líder no ranking nos últimos dois anos, reforçando seu desempenho econômico empresarial e sustentável.

Apesar da análise considerar três anos, pode-se antever um alinhamento entre o desempenho ambiental, social e financeiro, ou seja, existe uma combinação e correlação que entre as dimensões abordadas pelo método do estudo e que se alinha ao entendimento de Oberndorfer et al. (2013) e Lloret (2016). Os resultados desta pesquisa também mostram que a busca por investimentos socialmente responsáveis (Socially Responsible Investing – SRI) está ganhando adeptos, seja para proteger o ambiente natural ou para cumprir com as normas sociais e éticas refletem no desempenho financeiro, mas que é uma postura vital para a gestão corporativa de longo prazo (Oberndorfer et al., 2013).

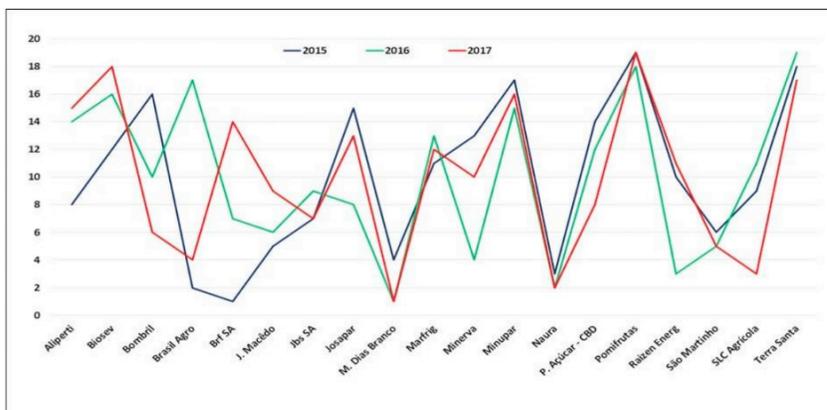


Figura 3 - Variações das posições relativas das empresas (2015 a 2017)

Fonte: Dados da pesquisa.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou apresentar uma metodologia baseada nas técnicas de análise multicritério, composta por onze indicadores qualitativos e quantitativos a partir de dados secundários para avaliar a sustentabilidade corporativa de forma comparativa entre uma amostra de 19 empresas, mas que representam a totalidade de organizações do setor B3, ou seja, sociedades anônimas do setor não- cíclico cadastradas na BOVESPA.

Baseado no método de análise multicritério com uso do Software PROMETHEE II permitiu a comparação dos diversos indicadores, de todas as empresas, em cada ano analisado. Em síntese, o panorama geral obtido através do ranking final evidenciou e permitiu a identificação das empresas que apresentam o pior e o melhor rendimento sob a perspectiva da análise financeira considerando a sustentabilidade corporativa e sua conexão sobre as áreas econômica, social e ambiental. Respectivamente, essas empresas no ano de 2015 são a BRF AS e a Pomifrutas, em 2016 a M. Dias Branco e Terra Santa e 2017 a M. DiasBranco e Pomifrutas.

Os resultados obtidos estão alinhados com a corrente teórica da que defende o pressuposto de que ações de CG, sociais e ambientais melhoram a competitividade da empresa, por atuar positivamente sobre a imagem e os indicadores financeiros das mesmas. Os índices de correlação de Pearson mostraram que os indicadores qualitativos de N1 e ISE, respectivamente relacionados com transparência e sustentabilidade corporativa, baseado em eficiência econômica, equilíbrio ambiental, justiça social e governança corporativa, afetam a movimentação dos ativos, vendas e liquidez corrente. Pontos que são essenciais para uma empresa manter-se competitiva no mercado e atrair bons investidores, conforme defendem Roberts e Dowling (2002), Gugler e Shi (2009) e Da Silva et al., (2011)

potencializando a reputação empresarial. Como era de se esperar o ISE apresenta alta correlação com a GC.

No geral, apesar dos casos de correlação negativa, confirma-se que existe influência da GC e sustentabilidade nos resultados financeiros, numa linha similar a defendida por Shahwan (2015), Grewatsch e Kleindienst (2017) e outros. Portanto, os resultados mostram que a mescla de indicadores deve ser utilizada para analisar a empresa num contexto mais completo e seguro de seu desempenho atendendo o indicado por Oberndorfer et al. (2013) e Lloret (2016).

Em resumo, os aportes teóricos desta pesquisa são a confirmação dos achados relacionados a relação direta e positiva entre o desempenho financeiro e a governança corporativa, contribuindo para o gap da literatura da área. Enquanto que os aportes metodológicos deste estudo foram a comprovação de que a Análise Multicritério utilizando o Método PROMETHEE II possibilita obter informações relevantes e necessárias para o processo de tomada de decisão por parte dos responsáveis das organizações, além de gerar uma análise de posicionamento empresarial no setor. Portanto, pode-se considerar como aportes práticos, a informação gerada que permite aos investidores visualizarem a evolução das empresas rumo a governança corporativa e sustentável, a qual traz reflexos no desempenho financeiro. De forma que os achados deste trabalho facilitam a percepção das fraquezas para uma posterior melhora, evidenciará os pontos fortes mostrando a origem e justificativa de cada um, e permite a escolha de investimentos com menor risco.

Esta pesquisa teve como principal limitação o número de indicadores relacionados a GC e sustentabilidade disponíveis em base de dados confiáveis e uniformizadas para todas as empresas. Outra limitação deste estudo foi a não utilização de pesos para definir grau de importância de cada variável no contexto de análise. Desta forma, sugere-se como pesquisa futura, a aplicação prévia de um questionário aos stakeholders para determinar o peso das variáveis, repetindo a análise multicritério com esta nova informação. Também a inclusão de outros indicadores de GC e sustentabilidade é uma desejada pesquisa futura, a fim de ampliar a mescla de variáveis na análise da competitividade empresarial, atingindo um ponto de fusão entre o financeiro, o social e o ambiental, tanto na imagem quanto na efetiva performance da empresa.

REFERÊNCIAS

Aras, G.; Crowther, D. (2008). "Governance and sustainability: An investigation into the relationship between corporate governance and corporate sustainability. *Management Decision*", Vol. 46, Num.3, pp.433-448.

Araújo, A. G. de; Almeida, A. T. de. (2009). "Apoio à decisão na seleção de investimentos em petróleo e gás: uma aplicação utilizando o método PROMETHEE". *Gestão da Produção*, Vol.16, Num. 4, pp. 534-543.

Brans, J.-P.; Mareschal, B. (2005). "PROMETHEE methods. En Multiple criteria decision analysis: state of the art surveys". Springer.

Brasil (2018). Exportações do agronegócio garantiram superávit da balança comercial. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/noticias/exportacoes-do-agro-garantiram-superavit-da-balanca-comercial>. Acesso em: 28/12/2018.

Chih, H.-L.; Chih, H.-H.; Chen, T.-Y. (2010). "On the determinants of corporate social responsibility: International evidence on the financial industry". *Journal of Business Ethics*, Vol.93, Num.1, pp.115-135.

Cruz, C. V. O. A.; de Lima, G. A. S. F. (2010). "Reputação corporativa e nível de disclosure das empresas de capital aberto no Brasil". *Revista Universo Contábil*, Vol. 6, Num. 1, pp. 85-101.

da Silva, R. F.; De Montreuil Carmona, C. U.; Cravo Teixeira Lagioia, U. (2011). "A Relação entre o Risco e as Práticas de Governança Corporativa Diferenciada no Mercado Brasileiro de Ações: uma abordagem sob a égide da teoria dos portfólios de Markowitz". *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, Vol.13, Num.39, pp.175-192.

Dahlsrud, A. (2008). "How corporate social responsibility is defined: an analysis of 37 definitions". *Corporate social responsibility and environmental management*, Vol.15, Num.1, pp.1-13.

Elkington, J. (2001). "Sustentabilidade Canibais Com Garfo e Faca: Triple botton line". São Paulo: M. Books.

Feil, A. A.; Naime, R. H. (2015). "Mensuração da sustentabilidade das corporações com selo ISE da BMFBOVESPA via modelo GSE". *Revista Ambiente Contábil*, Vol.7, Num.1, pp. 254-272.

Freeman, R. E. (1984). "Strategic management: A stakeholder approach". Cambridge university press.

Gomes, L. F. A. M.; Gomes, C. F. S. (2000). "Tomada de decisão gerencial: enfoque multicritério". Editora Atlas SA.

Gray, R.; Bebbington, J. (2007). "Corporate sustainability, accountability and the pursuit of the impossible dream". *Handbook of sustainable development*, 376-394.

Grewatsch, S.; Kleindienst, I. (2017). "When does it pay to be good? Moderators and mediators in the corporate sustainability-- corporate financial performance relationship: A critical review". *Journal of Business Ethics*, Vol.145, Num.2, pp.383-416.

Gugler, P.; Shi, J. Y. J. (2009). "Corporate social responsibility for developing country multinational corporations: lost war in pertaining global competitiveness?" *Journal of Business Ethics*, Vol.87, Num.1, pp.3-24.

Healy, P. M.; Palepu, K. G. (2001). "Information asymmetry, corporate disclosure, and the capital markets: A review of the empirical disclosure literature". *Journal of accounting and economics*, Vol.31, Num.1-3, pp.405-440.

Hussain, N.; Rigoni, U.; Orij, R. P. (2018). "Corporate governance and sustainability performance: Analysis of triple bottom line performance". *Journal of Business Ethics*, Vol.149, Num.2, pp.411-432.

Jensen, M. C.; Meckling, W. H. (1976). "Theory of the firm: Managerial behavior, agency costs and ownership structure". *Journal of financial economics*, Vol.3, Num.4, pp.305-360.

Jo, H.; Harjoto, M. (2014). "Analyst coverage, corporate social responsibility, and firm risk. *Business Ethics*" *European Review*, Vol.23, Num.3, pp.272-292.

Krechovská, M.; Procházková, P. T. (2014). "Sustainability and its integration into corporate governance focusing on corporate performance management and reporting". *Procedia Engineering*, Vol.69, pp.1144-1151.

Labuschagne, C.; Brent, A. C.; Van Erck, R. P. G. (2005). "Assessing the sustainability performances of industries". *Journal of cleaner production*, Vol.13, Num.4, pp.373-385.

Levy, D. L.; Szejnwald Brown, H.; De Jong, M. (2010). "The contested politics of corporate governance: The case of the global reporting initiative". *Business & Society*, Vol.49, Num.1, pp.88-115.

Lloret, A. (2016). "Modeling corporate sustainability strategy". *Journal of Business Research*, Vol.69, Num.2, pp.418-425.

Lourenço, I. C.; Branco, M. C. (2013). "Determinants of corporate sustainability performance in emerging markets: the Brazilian case". *Journal of Cleaner Production*, Vol.57, pp.134-141.

Mason, C.; Simmons, J. (2014). "Embedding corporate social responsibility in corporate governance: A stakeholder systems approach". *Journal of Business Ethics*, Vol.119, Num.1, pp.77-86.

Michelon, G.; Parbonetti, A. (2012). "The effect of corporate governance on sustainability disclosure". *Journal of Management & Governance*, Vol.16, Num.3, pp.477-509.

Moraes, L. F. S.; Perera, L. C. J.; do Milani Filho, M. A. F.; Kerr, R. B. (2014). "Desenvolvimento sustentável e insolvência: um estudo de empresas brasileiras". *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade-GeAS*, Vol.3, Num.2, pp.39-57.

Oberndorfer, U.; Schmidt, P.; Wagner, M.; Ziegler, A. (2013). "Does the stock market value the inclusion in a sustainability stock index? An event study analysis for German firms". *Journal of Environmental Economics and Management*, Vol.66, Num.3, pp.497-509.

Orsato, R. J.; Garcia, A.; Mendes-Da-Silva, W.; Simonetti, R.; Monzoni, M. (2015). "Sustainability indexes: why join in? A study of the 'Corporate Sustainability Index (ISE)' in Brazil". *Journal of Cleaner Production*, Vol.96, pp.161-170.

Roberts, P. W.; Dowling, G. R. (2002). "Corporate reputation and sustained superior financial performance". *Strategic management journal*, Vol.23, Num.12, pp.1077-1093.

Schaltegger, S.; Wagner, M. (2006). "Integrative management of sustainability performance, measurement and reporting". *International Journal of Accounting, Auditing and Performance Evaluation*, Vol.3, Num.1, pp.1-19.

Shahwan, T. M. (2015). "The effects of corporate governance on financial performance and financial distress: evidence from Egypt". *Corporate Governance*, Vol.15, Num.5, pp.641-662.

Shleifer, A.; Vishny, R. W. (1997). "A survey of corporate governance". The journal of finance, Vol.52, Num.2, pp.737-783. Verrecchia, R. E. (2001). "Essays on disclosure. Journal of accounting and economics". Vol. 32, Num.1-3, pp.97-180.

Vincke, P. (1992). "Multicriteria decision-aid". John Wiley & Sons.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abastecimento 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 227

Alavancagem 98, 99, 102, 103, 104, 106, 109, 110, 111, 124

Aquisições 48, 50, 51, 54, 58, 67, 68, 69, 70

B

Bem-estar 1, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 18, 21

Big Data 141, 143, 145, 156, 157, 166, 167, 171

Business-to-business 198

C

Centro de Distribuição 146, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 225, 226, 227

Competências Virtuais 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47

Competitividade Empresarial 115, 119, 129

Compras 141, 142, 145, 146, 149, 152, 154, 155, 203, 217, 218, 219, 223, 224

Comunicação 13, 15, 16, 18, 19, 25, 26, 34, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 159, 163, 170, 179, 183, 185, 201, 203, 219, 221, 224, 225, 229, 232, 234, 236, 241, 245, 247

D

Dados em Paineis 98, 105, 106, 111, 112

Decisões de Investimentos 71, 73, 81, 82, 88, 89, 90, 92, 93, 99

Desemprego Tecnológico 28, 32, 36

Digitalização 158, 159, 163, 166

Dívida 98, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 111

E

Engenharia Sanitária 98, 99, 100, 103, 105, 106, 111, 112, 131, 134, 228

Entretenimento 173, 175, 186, 195

Envolvimento organizacional 1, 2, 3

Escritório 144, 228, 230, 231, 242, 248

Estado emocional 13, 15, 35

Estrutura de Capital 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 127

Estrutura Motivacional 1, 3, 4, 5, 6, 10, 11

Estudo Bibliométrico 71, 81, 82

F

Finanças Comportamentais 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 90, 92, 93, 95

Fusões 48, 50, 51, 54, 58, 67, 68, 69, 70

G

Gestão de Pessoas 1, 3, 12, 14, 17, 24, 26, 28, 30, 36, 38, 39, 40, 41, 46, 47, 52, 62, 70, 229, 234, 242

Gestão do Conhecimento 228, 232, 234, 239, 245, 246, 248

I

IBM Watson 28, 29, 30, 37

Indústria 13, 18, 33, 47, 108, 133, 134, 135, 139, 140, 146, 151, 153, 154, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 186, 189, 216, 220, 222, 231, 239, 268, 284

Inovação 29, 35, 36, 42, 81, 134, 165, 166, 168, 169, 170, 198, 217, 226, 229, 233, 234, 235, 254, 255, 256, 257, 270, 271, 272

Inteligência Artificial 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 159, 166, 167

Intenção de Relacionamento 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211

L

Liderança 23, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 65, 66, 68, 145, 247

M

Marca registrada 254, 256, 271

Mesorregião de Itapetininga 276

Movelaria 133, 137

Mundo do Trabalho 28, 29

O

Organização Projetizada 228, 230

P

Patente 254, 255, 256, 264, 266, 271

Percepção de valor 199, 200

Perfil Motivacional 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 11

Posicionamento 51, 66, 124, 127, 129, 173, 178, 183, 193, 194, 196, 197

Projetos 38, 39, 43, 44, 45, 46, 51, 69, 104, 195, 197, 228, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 251, 252

R

Recursos Humanos 7, 24, 26, 38, 39, 40, 42, 46, 47, 49, 52, 57, 63

Região norte 138, 140

Revolução Industrial 29, 33, 35, 158, 160, 162, 166, 167, 170, 171, 184

S

Santo Sudário 276, 277, 282, 284, 285, 286

Satisfação 5, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 181, 193, 199, 205, 206, 217

Segmento Automotivo 198, 199, 204

Sistema 6, 16, 20, 24, 28, 29, 30, 33, 34, 49, 61, 67, 161, 166, 200, 215, 219, 221, 222, 223, 226, 228, 229, 230, 242, 243, 246, 257, 258, 259, 268, 271, 272, 278, 282, 283, 284

Social 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 16, 37, 40, 54, 67, 69, 77, 88, 91, 96, 116, 117, 118, 127, 128, 129, 130, 131, 136, 143, 161, 162, 190, 193, 201, 213, 252, 273, 274, 276

Suporte Organizacional 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 12, 69

Sustentabilidade Corporativa 115, 117, 119, 126, 128

T

Technology Scanning 254, 255, 259, 270, 271

Tecnologia 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 42, 51, 69, 140, 143, 145, 158, 159, 160, 161, 163, 165, 167, 168, 171, 189, 196, 224, 229, 230, 233, 234, 242, 254, 255, 256, 260, 263, 287

Trabalho informal 133

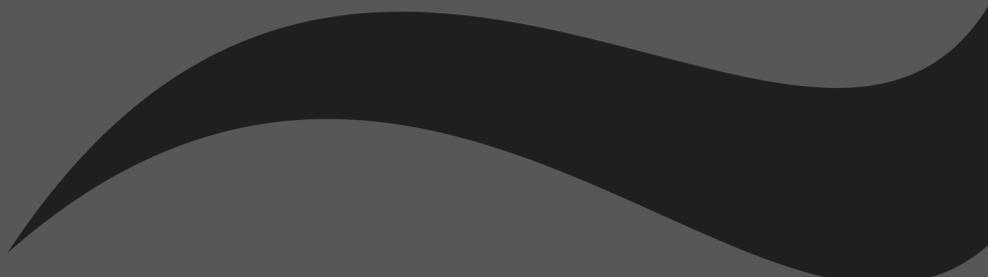
Turismo Religioso 276, 277, 280, 282, 283, 284, 286

V

Valoração da marca 180

Varejista 7, 215, 216, 217, 218, 223, 226, 227

Aplicação Prática da Administração na Economia Global 3



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Aplicação Prática da Administração na Economia Global 3



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 